

Os erros (orto)gráficos das soantes palatais

The (ortho)graphic errors of palatal sonorants

Simone Silveira da Silva*

Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, RS, Brasil

Ana Ruth Moresco Miranda**

Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, RS, Brasil

Resumo: Este artigo descreve e analisa erros (orto)gráficos das soantes palatais /ʎ, ɲ/, consoantes representadas por <lh> e <nh> no sistema de escrita. As soantes palatais compõem uma classe natural que tem suscitado interesse para os estudos diacrônicos e sincrônicos bem como para a aquisição da linguagem, tanto na fala como na escrita. A base de dados deste estudo é um conjunto de erros extraídos de textos produzidos por crianças das quatro primeiras séries do ensino fundamental de duas escolas, uma pública e outra particular. As análises realizadas adotam uma perspectiva linguística e dialogam com estudos do desenvolvimento fonológico, com o suporte da fonologia autosegmental (Clements e Hume, 1995), e da aquisição da escrita Miranda (2012, 2014). Os erros foram analisados com base nas categorias propostas por Miranda (2020), as quais visam identificar a natureza dos erros encontrados nas escritas alfabéticas iniciais, quais sejam: fonológica, ortográfica ou fonográfica. Os resultados encontrados mostram maior efeito da fonologia das consoantes por processos que se assemelham àqueles observados na aquisição da fala. Observaram-se também casos em que a motivação é de ordem fonográfica como decorrência da dificuldade no estabelecimento de relações grafofônicas relacionadas à complexidade dos dígrafos com H.

FLP 25(1)

Palavras-chave: Soantes palatais. Erro (orto)gráfico. Aquisição da escrita. Fonologia e ortografia.

Abstract: This article describes and analyzes (ortho)graphic errors of the palatal sonorants /ʎ, ɲ/, consonants represented by <lh> and <nh> in the writing system. Palatal sonorants make up a natural class that has aroused interest in diachronic and synchronic studies, as well as in language acquisition, both in speech and writing. The database for this study is a set of errors extracted from texts produced by children in the first four grades of elementary school in two schools, one public and the other private. The analyzes carried out adopt a linguistic perspective and dialogue with studies of phonological development, with the support of autosegmental phonology (Clements and Hume, 1995), and the writing acquisition (Miranda, 2012, 2014). The errors were analyzed based on the categories proposed by Miranda (2020), which aim to identify the nature of the errors found in the initial alphabetic writings, namely: phonological, orthographic or phonographic. The results found show a greater effect of the phonology of the consonants by processes that are similar to those observed in speech acquisition. Cases were also observed in which the motivation was of a phonographic nature as a result of the difficulty in establishing graphophonetic relationships related to the complexity of the digraphs with H.

* Mestre em Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, RS, Brasil; simonesilveira.s16@gmail.com

** Professora Titular, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, RS, Brasil; anaruthmmiranda@gmail.com

Keywords: Palatal sounds. Orthographic error. Acquisition of writing. Phonology and spelling.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo¹ descreve e analisa os erros (orto)gráficos encontrados na grafia das soantes palatais, /ʎ, ɲ/, produzidos por crianças dos anos iniciais da escolarização. A ideia de erro construtivo de base piagetiana, retomada em Ferreiro e Teberosky ([1984] 1999), considera que o erro produzido pela criança, ao longo do desenvolvimento, é capaz de revelar as hipóteses formuladas por ela acerca do objeto de conhecimento em questão.

O GEALE (Grupo de Estudos sobre Aquisição da Linguagem Escrita) vem desenvolvendo, ao longo dos últimos 20 anos, estudos com foco no erro (orto)gráfico², com vistas a identificar a natureza dessas grafias alfabéticas iniciais heteróclitas, tomando como base uma abordagem linguística e em consonância com estudos sobre o desenvolvimento fonológico. O estudo de Miranda (2020) propõe três categorias principais de análise, quais sejam: fonológica, ortográfica e fonográfica. O erro de motivação fonológica relaciona-se àqueles casos em que há complexidade derivada do sistema fonológico, o que pode ser de ordem segmental ou prosódica, sem que haja complexidade ortográfica. Já o erro de motivação ortográfica apresenta complexidades relacionadas às relações fonema-grafema convencionadas pelo sistema ortográfico, as quais se expressam por meio de relações múltiplas, contextuais ou arbitrárias. Por fim, o erro de motivação fonográfica, referente a casos em que não se observa complexidade fonológica ou ortográfica, mas sim o efeito denominado fonográfico, que envolve aspectos relacionados à mecânica da escrita tais como o traçado de letra ou os sequenciamentos, inserções e omissões de letras ou sílabas.

As soantes palatais formam uma classe de consoantes do sistema do português que chama atenção pelo seu funcionamento. Não pertenciam ao sistema latino e foram derivadas por processos fonológicos diacrônicos. O resultado são segmentos complexos em se considerando a sua caracterização interna. Isso significa dizer que são estruturados a partir de uma porção consonantal e outra vocálica, segundo os preceitos da fonologia autosegmental de Clements e Hume (1995). Quanto ao sistema ortográfico, as soantes palatais estabelecem relação quase direta com seus respectivos grafemas, mas, juntamente com a fricativa palatal surda <ch>, esta regida por regras arbitrárias, são representadas por dígrafos com H, <lh> e <nh>.

Talvez por essas características, as soantes palatais venham suscitando interesse em relação à sua aquisição, seja na fala seja na escrita, dado seu domínio mais tardio no desenvolvimento fonológico e a presença de erros nas escritas iniciais, especialmente a líquida. Neste estudo, serão descritas as estratégias utilizadas pelas

¹ Pesquisa apoiada pelo CNPq (Processos n. 312387/2020-2 e 423038/2021-4).

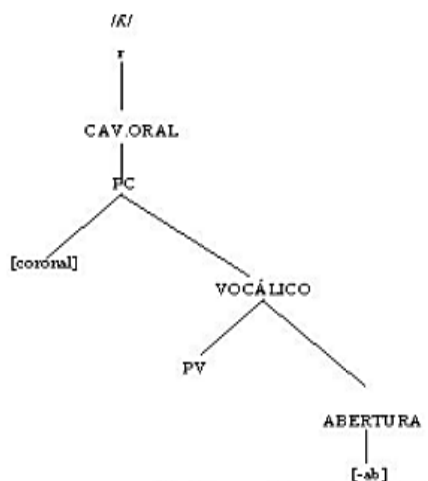
² “O uso de parênteses tem como objetivo demarcar a diferença existente entre erros relacionados às regras do sistema ortográfico propriamente dito, os quais envolvem as relações múltiplas entre fonemas e grafemas, definidas contextual ou arbitrariamente, e aqueles produzidos na fase inicial do desenvolvimento da escrita, muitas vezes motivados por questões representacionais ou ainda por influência da fala, isto é, referentes ao funcionamento fonológico da língua” (Miranda, 2014, p. 47).

crianças para a grafia das soantes palatais e analisadas relações entre o tipo de erro produzido e os processos fonológicos observados na aquisição da fala, bem como entre os erros e aspectos da fonografia e da ortografia.

O artigo está organizado da seguinte forma: em um primeiro momento será caracterizado o fenômeno à luz da fonologia Autossegmental (Matzenauer-Hernandorena, 2000) na fonologia e na ortografia; em seguida serão descritos os procedimentos metodológicos adotados para o estudo; por fim, serão apresentados os resultados e discussões seguidas das considerações finais.

2 CARACTERIZAÇÃO DO FENÔMENO

As consoantes palatais não pertenciam ao sistema do latim clássico, estando sua origem relacionada a processos fonológicos de palatalização registrados na evolução do latim para o português (Silva, 1996). A análise diacrônica permite que se acompanhe a evolução das línguas ao longo do tempo e, no caso da evolução do latim ao português, foram vários séculos para que se chegasse ao estado atual da língua. A líquida palatal /ʎ/ é originária das sequências (li, lli, kl, gl, pl) e a nasal palatal /ɲ/ das sequências (ni, n, nn, gn) e de processos que envolvem o 'i' em hiato. Esses segmentos consonantais são representados na ortografia pelos dígrafos <lh> e <nh> e, na fonologia, são considerados, por Wetzels (1997) e Matzenauer-Hernandorena (2000), consoantes complexas, por possuírem em sua constituição interna um nó de ponto de consoante e um nó de ponto de vogal simultâneos, conforme se observa na Figura 1, a seguir.



Fonte: Matzenauer-Hernandorena (2000, p. 303).

Figura 1 – Esquema representativo da soante líquida palatal /ʎ/.

De acordo com Matzenauer-Hernandorena (op. cit.), as soantes palatais são de aquisição tardia, estando a nasal palatal /ɲ/ estabilizada em torno dos 2 anos de idade, aproximadamente, e a líquida palatal por volta dos 4 anos. A autora mapeou em um estudo sobre aquisição da fonologia algumas estratégias utilizadas pelas crianças. No caso da nasal palatal, foi registrada, além da forma alvo, a produção das variantes [Ø] ~ [j] ~ [n] e, da soante líquida palatal, as variantes [Ø] ~ [l] ~ [j] ~ [li] ~ [li], além da

líquida palatal. Considera-se que a complexidade observada na aquisição da fala pode ser também verificada na aquisição da escrita, uma vez que a relação estreita entre a escrita alfabética inicial e o conhecimento fonológico internalizado pela criança nos seus primeiros anos de vida é considerada crucial, nos estudos do GEALE, para a compreensão da natureza dos erros produzidos, tendo-se em conta que a compreensão da escrita alfabética envolve uma retomada consciente do conhecimento fonológico construído de maneira espontânea pela criança.

Nos estudos já realizados junto ao acervo do GEALE, os quais contemplam os erros para a grafia das soantes palatais (Miranda, 2012, 2014; Tavares; Miranda, 2020), foram identificadas diferentes estratégias para a grafia das consoantes palatais. Em Miranda (2012), a categoria fonológica foi explorada na análise dos dados e os exemplos estão expostos na Figura 2, a seguir.

'valia' (varinha)	'nh' → Ø
'passarino' (passarinho)	'nh' → 'n'
'araia' (aranha)	'nh' → 'i'
'espantario' (espantalho)	'lh' → 'ri'
'jueru' (joelho)	'lh' → 'r'
'olios' (olhos), 'espantailio' (espantalho)	'lh' → 'li'
'olos' (olhos), 'vermelo', (vermelho)	'lh' → 'l'

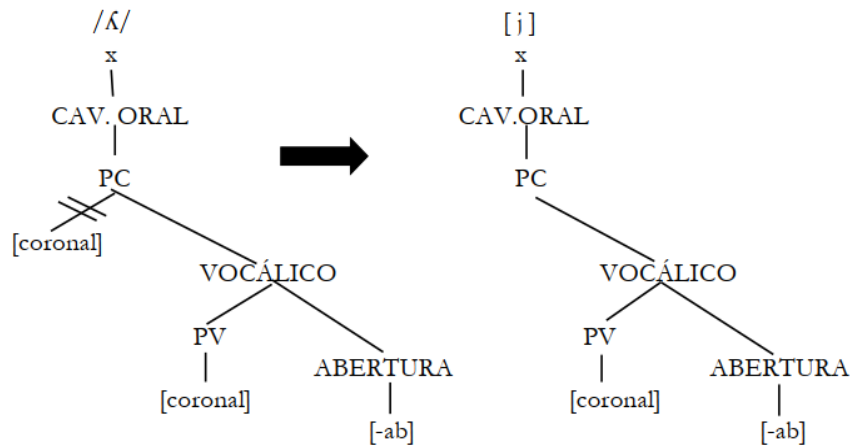
Fonte: Miranda (2012, p. 133).

Figura 2 – Erros na grafia das soantes palatais motivados pela fonologia.

Os exemplos apresentados encontram correlatos em dados de aquisição fonológica e sugerem que a complexidade interna do segmento tem papel preponderante nas soluções encontradas pelas crianças. De acordo com Miranda (2012) e Tavares e Miranda (2020), tais dados podem ser explicados à luz da Fonologia Autossegmental de Clements e Hume (1995) e da Teoria da Marcação de Calabrese (1988). A primeira revela a estrutura interna de segmentos complexos (cf. Figura 1) e a segunda descreve as estratégias utilizadas pelas fonologias das línguas para eventualmente diminuir a complexidade existente, por meio do uso de estratégias de simplificação tais como a Fissão, o Desligamento e a Negação³. A Fissão resulta na divisão do conjunto de traços de uma configuração não permitida em dois conjuntos sucessivos, como se observa na produção de [li] para /ʎ/; o Desligamento é responsável pela eliminação de parte dos traços que compõem o segmento, o que, neste caso, equivaleria à produção apenas da porção consonantal da palatal, [ʎ], ou da sua porção vocálica [i].

A Figura 3, a seguir, ilustra o processo de desligamento da porção consonantal da soante líquida palatal a partir da geometria de traços.

³ A Negação se caracteriza pela mudança dos valores dos traços incompatíveis da configuração não permitida por valores opostos. Esta estratégia não se aplica às soantes palatais.



Fonte: Elaboração própria.

Figura 3 – Esquema representativo do desligamento do traço coronal da soante palatal líquida /ʎ/.

Como se pode observar, a operação de Desligamento resulta na semivocalização da líquida, como em produções reportadas por Matzenauer (2000) e por Miranda (2012), respectivamente, [ve'meju] para 'vermelho', na fala, e <araia> para 'aranha', na escrita. Caso o desligamento fosse do nó vocálico, apenas a porção consonantal emergiria, como por exemplo nas produções ['pala] para 'palha' ou <vermelo> para 'vermelho'. Os estudos sobre a escrita já mencionados revelaram ainda casos em que há inserção da soante nasal palatal para desfazer um hiato, como na grafia de <vinheram> para 'vieram', processo semelhante ao observado na diacronia da língua.

Tavares (2019) asseverou que os processos de diacronia e de aquisição mostram movimentos inversos, pois, enquanto no primeiro há complexificação do segmento, tendo-se em conta que derivaram de sequências de segmentos latinos, no segundo, observa-se a busca pela simplificação que pode ser interpretada pela proposta de Calabrese (1988).

O estudo sobre os dígrafos do português, a partir de dados de aquisição da escrita, realizado por Miranda, Pachalski e Richetti (2023), mostra, em relação aos dígrafos com H, em foco neste artigo, que a incidência de erros é relativamente baixa em se comparando aos acertos. A taxa de acertos no ciclo de alfabetização está em torno dos 96% na amostra por eles estudadas. De acordo com Teixeira e Miranda (2010), os erros na escrita infantil são observados com maior incidência na grafia da líquida palatal e apresentam uma diversidade de estratégias, as quais estarão em foco neste estudo.

3 PROCEDIMENTO METODOLÓGICO

O objeto de estudo deste artigo é o conjunto de erros extraídos de textos produzidos por crianças matriculadas em turmas de 1ª a 4ª série⁴ de duas escolas, uma

⁴ A utilização do termo 'série' deve-se ao fato de os dados analisados para este estudo terem sido coletados entre os anos de 2001 e 2004, período em que o Ensino Fundamental estava organizado em turmas de 1ª a 8ª série.

pública e uma particular, da cidade de Pelotas. Os dados pertencentes ao Estrato 1 do BATALE (Banco de Textos da Aquisição da Linguagem Escrita) foram extraídos de produções textuais realizadas a partir de oficinas preparadas especificamente para a pesquisa, as quais contaram com três etapas: motivação, produção escrita e socialização.

Os erros na grafia das soantes palatais foram organizados em planilhas de Excel e analisados em relação às variáveis linguísticas: tipo de soante palatal, tipo de estratégia utilizada (fonológica, ortográfica ou fonográfica) e vogais adjacentes; e às extralinguísticas: série e escola. O procedimento inicial foi a organização da amostra em quadros contendo os erros (orto)gráficos registrados na grafia das soantes palatais encontrados em cada uma das escolas, destacando o tipo de troca identificada e o percentual de erros para que se procedesse a análise.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesta seção serão apresentados os resultados obtidos na pesquisa, primeiramente os dados referentes aos erros nas grafias da nasal palatal e, logo após, aqueles concernentes aos da líquida palatal.

4.1 Soante palatal /ɲ/

Registrou-se um total de 75 erros (orto)gráficos envolvendo a grafia da soante nasal palatal, sendo 49 (65,3%) dos textos da escola pública e 26 (34,7%) dos da particular. O Quadro 1, a seguir, traz os tipos de trocas encontradas na amostra.

Quadro 1 - Distribuição de erros (orto)gráficos na grafia da soante nasal palatal nos dados da escola pública e particular.

Tipo de troca	Escola pública	Escola particular
<i> para <nh>	4/49 8,2%	1/26 3,8%
<n> para <nh>	1/49 2,0%	1/26 3,8%
∅ para <nh>	0/49 -	1/26 3,8%
<nh> para <i>	2/49 4,1%	1/26 3,8%
<nh> para <m>	4/49 8,2%	12/26 46,3%
<nh> para <n>	8/49 16,3%	0/26 -
<nh> para <nl>	1/49 2,0%	0/26 -
<nh> para ∅	19/49 38,9%	9/26 34,7%
<nh> para <lh>	8/49 16,3%	0/26 -
<nh> para <mh>	1/49 2,0%	0/26 -
<nh> para <nch>	1/49 2,0%	0/26 -
<nh> para <h>	0/49 -	1/26 3,8%

Fonte: Silva (2023).

A análise dos resultados reportados no Quadro 1 apontam que o maior percentual de erros nos dados da escola pública envolve a troca de <nh> para ∅ (visiansa / vizinhança) com 38,9%, seguida pela troca do <nh> para <n> (teno / tenho) com 16,3%, do <nh> para o <lh> (galhei / ganhei) também com 16,3%, do

<nh> para <m> (tima / tinha) com 8,2% e do <i> para <nh> (desmanhou / desmaiou) também com 8,2%. Já nos dados da escola particular, o maior número de casos envolve a troca do <nh> para <m> (goufim/golfinho) com 46,3%, depois a troca do <nh> para Ø (tião/tinham) com 34,7%. As trocas do <nh> para o <lh> e <nh> para <n>, que foram a segunda mais frequente na escola pública, não foram registradas na escola particular. As demais trocas tiveram porcentuais menores em ambas as escolas.

Nos Quadros 2 e 3, a seguir, estão listados os erros (orto)gráficos na escola pública e particular, destacando o tipo de troca observada.

Quadro 2 - Erros (orto)gráficos na grafia da soante palatal /ɲ/ produzidos por alunos da escola pública.

Erros (orto)gráficos na grafia da soante palatal /ɲ/ na escola pública					
Palavra alvo	Palavra grafada	Troca	Palavra alvo	Palavra grafada	Troca
veio	venho	i – nh (2x)	varinha	varia	nh - Ø
desmaiou	desmanhou	i – nh	tinham	tiam	nh - Ø
veio	venho	i – nh	caminhando	camianho	nh - Ø
capinar	capinhar	n – nh	vizinhança	visiansa	nh - Ø
tenho	teno	nh – n (5x)	minha casa	miacaza	nh - Ø (2x)
chapeuzinho	chapuzina	nh – n (2x)	minhoca	mioca	nh - Ø
chapeuzinho	capezino	nh – n	tinha	tia	nh - Ø
venho	veio	nh – i	manhã	mão	nh - Ø (2x)
tomar banho	atonabaio	nh – i	lenhador	leador	nh - Ø (2x)
conheceu	comeseu	nh – m	mansinho	mamcio	nh - Ø (2x)
amarelinhas	amarilima	nh – m	chapeuzinho	chapeuzilho	nh – lh (4x)
tinha	tima	nh – m	ganhei	galhei	nh - lh
vinha	vima	nh – m	da minha	damilha	nh - lh
lenhador	lenlador	nh – nl	tinha	dilho	nh - lh
vinha	via	nh - Ø	chapeuzinho	chápeuzilho	nh - lh
tinham	tião	nh - Ø (2x)	chapeuzinho	chapéuzimho	nh - mh
nenhum	neum	nh - Ø	galinha	galincha	nh – nch
tinha	tia	nh - Ø			
Total: 49					

Fonte: Silva (2023).

FLP 25(1)

Quadro 3 - Erros (orto)gráficos na grafia da soante palatal /ɲ/ produzidos por alunos da escola particular.

Erros (orto)gráficos na grafia da soante palatal /ɲ/ na escola particular					
Palavra alvo	Palavra grafada	Troca	Palavra alvo	Palavra grafada	Troca
pequeno	piquenho	n - nh	do tamanho	dotamão	nh - Ø
vieram	vinheram	Ø - nh	quadrinhos	quadrios	nh - Ø
veio	venho	i - nh	do caminho	docamiho	nh - h
tinham	tião	nh - Ø	banho	boio	nh - i
varinha	valia	nh - Ø (2x)	golfinho	goufim	nh - m (7x)
tinham	tiam	nh - Ø	passarinhos	pasarimeos	nh - m (4x)
passarinhos	pássarios	nh - Ø (2x)	senhora	cemora	nh - m
galinha	glia	nh - Ø			
Total: 26					

Fonte: Silva (2023).

A análise dos resultados reportados nos Quadros 2 e 3 permite que se observe as diferentes estratégias utilizadas na grafia do segmento palatal, as quais são condizentes com aquelas observadas nos dados de aquisição fonológica, quais sejam, produção da contraparte vocálica [i], da contraparte consonantal [n], a produção com a fissão dos nós⁵ [ni], ou mesmo com a omissão do segmento inteiro. Considere-se os exemplos a seguir:

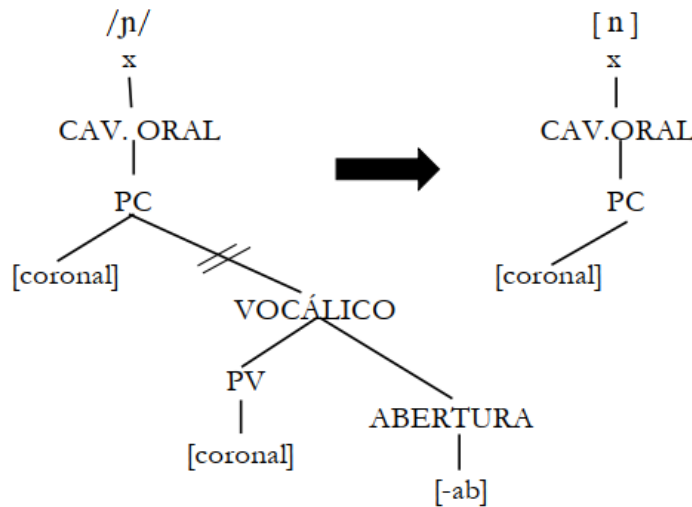
- <i> - <nh> (venho para veio)
- <nh> - <i> (baio para banho)
- <n> - <nh> (capinhar para capinar)
- <nh> - Ø (varia para varinha)
- <nh> - <n> (teno para tenho)

O exemplo em *a*, grafia de ‘venho’ para ‘veio’, traz o contexto de ditongo seguido de hiato (vei.o). Considerando-se que o hiato tende a ser evitado, conforme Bechara (2003), e que ‘i’ corresponde a porção vocálica da soante palatal, atribui-se ao erro motivação fonológica.

Em *b*, grafia de ‘baio’ para ‘banho’, a grafia da vogal alta em lugar do segmento palatal é representativa do registro do nó de ponto de vogal e desligamento do traço coronal (cf. Miranda; Matzenauer, 2010, p. 390). A Figura 3, anteriormente apresentada, ilustra o fenômeno que se caracteriza pelo desligamento do traço de consoante.

Em *c* e *e*, grafia de ‘capinhar’ para ‘capinar’ e de ‘teno’ para ‘tenho’, observa-se alternância entre a consoante nasal simples/n/ e a complexa /ɲ/, ou seja, presença versus ausência do nó vocálico. Na Figura 4, a seguir, observa-se o processo de desligamento do nó de ponto de vogal.

⁵ “Operação que divide um conjunto de traços que contém uma configuração não permitida em dois conjuntos sucessivos [...]” (Tavares; Miranda, 2020, p. 320).



Fonte: Elaboração própria.

Figura 4 – Desligamento do nó de ponto de vogal da soante nasal palatal.

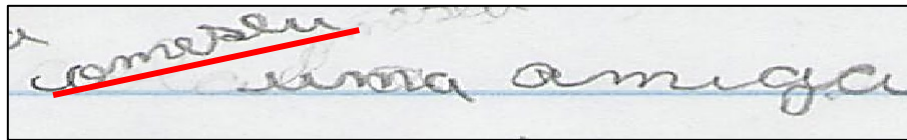
Para finalizar, no exemplo em *d*, grafia de ‘varia’ para ‘varinha’, registra-se a omissão do segmento inteiro. Neste caso há o desligamento de todo o nó de raiz. Note-se que, nos casos em que há a omissão da palatal, tem-se a presença de uma vogal alta na sílaba adjacente, o que parece exercer papel importante. Em comum, observa-se que todas as grafias referidas de *a* até *e*, anteriormente, podem ser explicadas à luz da fonologia.

Se, por um lado, é possível atribuir motivação fonológica para a produção do erro (orto)gráfico para o registro da nasal palatal, por outro, é necessário explicar os casos em que a fonologia não parece se manifestar. Do ponto de vista ortográfico, os dígrafos com H, grafemas que representam os fonemas palatais, apresentam uma relação biunívoca, isto é, um grafema para um fonema. Nesse caso, a complexidade não estaria relacionada às relações múltiplas, mas ao fato de se tratar de um dígrafo com H, o que parece ser um complicador adicional. Considere-se os exemplos a seguir:

- a. <nh> - <lh> (galhei para ganhei)
- b. <nh> - <h> (docamiho para do caminho)
- c. <nh> - <m> (comeseu para conheceu)
- d. <nh> - <nl> (lenlador para lenhador)
- e. <nh> - <mh> (chapéuzimho para chapeuzinho)
- f. <nh> - <nch> (galincha para galinha)

A troca de um segmento pelo outro como em *a* (galhei para ganhei) e grafias como as registradas em *b* (docamiho para do caminho) foram consideradas por Teixeira e Miranda (2008) como de motivação ortográfica, porém, tendo em vista a ausência de relações múltiplas entre fonema e grafema, tal proposta se mostrou insuficiente e passou-se a analisar tais dados como decorrentes de falhas no processamento envolvendo as relações entre fonemas e grafemas. Essa proposta coloca a fonografia como potencial motivação, no primeiro caso, <nh> por <lh>, a criança diante da tarefa de selecionar o dígrafo para a palatal, seleciona a forma que não é prevista pelo sistema, no segundo, <nh> por H, observa-se uma falha na composição do grafema, que, por ser um dígrafo com uma letra que apresenta comportamento peculiar na ortografia, acresceria dificuldade à criança.

Para as grafias exemplificadas em *c, d, e e f* não é possível atribuir motivação ortográfica ou fonológica. Tais resultados podem estar relacionados a problemas de traçado ou de correspondência fonema/grafema. Nas Figuras 5, 6 e 7 encontram-se as imagens das grafias exemplificadas em *c, d e f*.

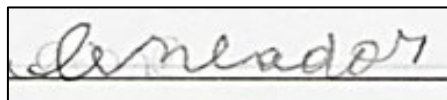


Fonte: Acervo do Batale – Estrato 1 - 2ª coleta.

Figura 5 – Grafia de aluna da 4ª série da escola pública para a palavra ‘conheceu’.

Na Figura 5, o excerto destacado traz a grafia da palavra ‘comeseu’ para ‘conheceu’. Neste caso, a troca da consoante <n> pela consoante <m> pode ter relação com uma motivação fonográfica, pela semelhança existente entre os dois grafemas. Porém, como visto anteriormente, nos casos em que se registra a grafia de parte da estrutura da soante palatal, neste caso o nó de consoante [n], pode-se atribuir motivação fonológica. Haveria, portanto, a ação concomitante de um efeito fonográfico marcado pela troca do <n> pelo <m>, devido à similaridade no traçado de letra, e um efeito fonológico pelo desligamento do nó vocálico. Esse tipo de erro representa 42,5% dos erros registrados na escola particular, sendo o mais frequente na amostra.

Na Figura 6, está reproduzido um dado extraído de texto de aluno da 3ª série:



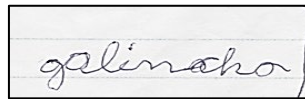
Fonte: Acervo do Batale – Estrato 1 – 2ª coleta.

Figura 6 – Grafia de aluno da 3ª série da escola pública para a palavra ‘lenhador’.

O excerto do texto, na Figura 6, traz a grafia da palavra ‘lenhador’ grafada como ‘lenlador’. Uma análise mais minuciosa aponta um possível efeito do traçado de letra. Destaca-se primeiramente o encurtamento da curva do H no grafema <nh>, tornando o traçado quase imperceptível, o que permite que se confunda facilmente com o grafema <l>. Com esta interpretação, a motivação fonográfica é evidenciada. Porém, é também possível uma segunda interpretação, uma vez que há muita semelhança entre o traçado de <l> e <e>. Nesse caso, a troca teria origem na fonologia por fissão de nós. O /ɲ/ seria grafado como <ni> e pela motivação ortográfica, o [i] estaria sendo grafado como <e>.

Outro caso observado, exemplificado na Figura 7, é referente à substituição de <nh> por <ch>, um fenômeno restrito a dados de escrita nunca reportado em estudos de desenvolvimento da fala, justamente por envolver uma troca entre elementos cujo valor do [soante] é distinto. O excerto, a seguir traz um dado para ilustrar.

FLP 25(1)



Fonte: Acervo do Batale – Estrato 1.

Figura 7 - Grafia de aluno da 1ª série da escola pública para a palavra ‘galinha’.

No excerto da Figura 7, observa-se que o aluno inicia o traçado do dígrafo com o grafema <n>, mas conclui o traçado com a inserção do dígrafo <ch>. Neste caso pode-se pensar que a criança está com dificuldade na seleção do grafema apropriado para a grafia da palavra, o que configuraria um caso de erro motivado por uma dificuldade no estabelecimento da correspondência grafofônica envolvendo dígrafos com H. Interessante observar no exemplo a presença de uma rasura que parece indicar que o aluno grafava inicialmente a palavra ‘galina’ para depois inserir o <ch>, nesse caso haveria a presença de uma motivação fonológica pela grafia da porção consonantal do segmento no primeiro momento, seguida de uma busca pelo dígrafo correspondente dentre as três opções oferecidas pelo sistema ortográfico.

O percentual de erros na grafia da soante nasal palatal na escola pública, representam praticamente o dobro dos registrados nos dados da escola particular. Na Tabela 1, a seguir, estão expressos os resultados em números absolutos e dados percentuais.

Tabela 1 - Distribuição der erros (orto)gráficos na grafia da soante palatal /ɲ/ nas turmas de 1ª a 4ª série da escola pública e da particular.

Série	Escola pública		Escola particular	
	Ocorrência	%	Ocorrência	%
1ª Série	7/49	14,3%	8/26	30,8%
2ª Série	18/49	36,7%	7/26	26,9%
3ª Série	13/49	26,5%	10/26	38,5%
4ª Série	11/49	22,5%	1/26	3,8%

Fonte: Silva (2023).

Os resultados obtidos na escola pública mostram o registro do menor percentual de erros (orto)gráficos nas turmas de 1ª série e uma tendência a redução desse percentual da 2ª série em diante. Quanto aos resultados registrados na escola particular, o menor percentual de erros foi registrado na 4ª série e o maior na 3ª série, mantendo a tendência a redução dos erros com o avanço das séries escolares. Um levantamento dos erros registrados nas turmas de 3ª série, da escola particular, mostrou que a maior parte envolve a grafia de <nh> como <m> (goufim/golfinho). Neste caso pode-se inferir que há motivação fonológica por efeito da variação dialetal.

Em relação ao percentual de erros computados no Estrato 1, os erros registrados na grafia da nasal palatal representam 0,29% (49/16.879) dos dados registrados na escola pública e 0,34% (26/7.545) dos registrados na escola particular.

4.2 Soante líquida palatal /ʎ/

Em relação aos erros (orto)gráficos na grafia da soante líquida palatal, contabilizou-se um total de 114 erros, destes 83 (72,8%) na escola pública e 31 (27,2%) na particular. Seguindo o modelo de apresentação adotado para a nasal palatal, os dados serão apresentados a seguir. O Quadro 4 contém os resultados referentes às trocas registradas na grafia da soante líquida palatal.

Quadro 4 - Distribuição de erros (orto)gráficos na grafia da soante líquida palatal nos dados da escola pública e particular.

Tipo de troca	Escola pública	Escola particular
<l> para <lh>	5/83 6,0%	2/31 6,5%
<le> para <lh>	2/83 2,4%	0/31 -
 para <lh>	4/83 4,8%	2/31 6,5%
<lh> para 	52/83 62,7%	10/31 32,2%
<lh> para Ø	2/83 2,4%	0/31 -
<lh> para <h>	11/83 13,3%	2/31 6,5%
<lh> para <i>	4/83 4,8%	0/31 -
<lh> para <nh>	2/83 2,4%	0/31 -
<lh> para <le>	1/83 1,2%	5/31 16,0%
<lh> para <r>	0/83 -	2/31 6,5%
<lh> para <l>	0/83 -	8/31 25,8%

Fonte: Silva (2023).

Constata-se, a partir da análise dos percentuais apresentados no Quadro 4, que em relação aos dados da escola pública o tipo de troca mais frequente foi a de <lh> para (coelinho/coelhinho) com 62,7%, seguido da troca de <lh> para <h> (baruho/barulho) com 13,3%, de <l> para <lh> (falhate/falante) com 6,0%, de para <lh> (família/família) com 4,8% e de <lh> para <i> (veia/velha) também com 4,8%. Os resultados da escola particular também indicaram um maior número de trocas do <lh> para (maravilhoza/maravilhosa) com 32,2%, seguido pela troca do <lh> para <l> (filinho/filhinho) com 25,8% e do <lh> para <le> (mileo/milho) com 16%.

Os Quadros 5 e 6, a seguir, trazem exemplos das grafias encontradas na amostra da escola pública e particular, respectivamente, destacando as trocas observadas.

Quadro 5 - Erros (orto)gráficos na grafia da soante palatal /ʎ/ produzidos por alunos da escola pública.

Erros (orto)gráficos na grafia da soante palatal /ʎ/ na escola pública					
Palavra alvo	Palavra grafada	Troca	Palavra alvo	Palavra grafada	Troca
petróleo	petrolho	le -lh (2x)	filhinhos	filinhos	lh- li (2x)
Emília	enilha	li- lh	coelhinhos	coelhinho	lh- li
família	familha	li - lh (3x)	coelhinho	coelinho	lh- li (2x)
falou	falhou	l -lh (2x)	coelhinha	cuelinha	lh- li
falante	falhate	l -lh (2x)	filho	filio	lh- li (3x)
falante	falhante	l -lh (2x)	velho	velio	lh- li
palha	palia	lh- li	orgulho	or gulio	lh- li
coelhinha	coelinha	lh- li (4x)	lhe	li	lh- li
mermelho	vermelio	lh- li	espantalho	espantatio(9x)	lh- li (9x)

coelhinha	coeliha	lh- li	vermelha	vermelia	lh- li
filha	filia	lh- li (2x)	palha	pali	lh- li (2x)
gargalhada	gargaliada	lh- li	vermelho	vermeleo	lh- le
melhor	melir	lh- li	a velha	aveia	lh - i (2x)
filha	filia	lh- li	velha	veia	lh - i (2x)
atrapalhada	a tapaliada	lh- li	armadilha	ar madha	lh - h (2x)
encolhidinha	encolidinha	lh- li	palha	paha	lh - h (2x)
milho	milio	lh- li (2x)	barulho	baru ho	lh - h
filhinha	filinha	lh- li (2x)	barulho	baruho	lh - h
velhinha	velinha	lh- li (2x)	maravilhoso	maravioso(2x)	lh - Ø
coelhinho	cuelinho	lh- li (2x)	filho	fio	lh - Ø (2x)
coelho	coelio	lh- li	milho	mio	lh - Ø (3x)
coelho	c oelio	lh- li	melhor	menhor	lh -nh
toalha	tua lia	lh- li (2x)	palha	panha	lh - nh
filhinho	filinho	lh- li			
TOTAL: 83					

Fonte: Silva, 2023.

Quadro 6 - Erros (orto)gráficos na grafia da soante palatal /ʎ/ produzidos por alunos da escola particular.

FLP 25(1)

Erros (orto)gráficos na grafia da soante palatal /ʎ/ na escola particular					
Palavra alvo	Palavra grafada	Troca	Palavra alvo	Palavra grafada	Troca
o lobo	olhobo	l - lh	milho	mileo	lh - le (2x)
Família	famílha	li- lh	deu-lhe	deule	lh - le
Família	famílha	li - lh	olhos	olios	lh - li
Família	fanilha	li - lh	vermelha	vemelia	lh - li (2x)
Filhinho	filinho	lh - l	palha	palia	lh - li (2x)
olhinhos	olinhos	lh - l	melhor	melior	lh - li
orelhinhas	orelinhas	lh - l	espantalho	espantatio	lh - li
Li	lhe	lh - l (2x)	atalho	atalio	lh - li (2x)
coelhinho	coelinho	lh - l (2x)	maravilhosa	maravilioza	lh - li
escolhido	escolido	lh - l	trabalho	trabaho	lh - h (2x)
espantalho	espamtaleo	lh - le (2x)	vermelho	vermeiro	lh - r (2x)
TOTAL: 31					

Fonte: Silva (2023).

A partir da análise dos exemplos contidos nos Quadros 5 e 6, percebe-se que a soante líquida palatal apresenta a mesma complexidade, relativa à sua estruturação interna, já referida para a nasal palatal.

A soante líquida palatal, se comparada à nasal, é de aquisição ainda mais tardia, o que se justifica pelo fato de pertencer a uma classe de segmentos, as líquidas, que notadamente oferece maior dificuldade na aquisição. Como já referido, a nasal é adquirida até os 2 anos enquanto a líquida só se estabiliza aos 4 anos (Matzenauer-Hernandorena, 2000). O esquema da Figura 7, a seguir, permite a visualização da geometria de traços da soante palatal /ʎ/, conforme Miranda e Matzenauer (2010).



Fonte: Miranda e Matzenauer (2010, p. 385).

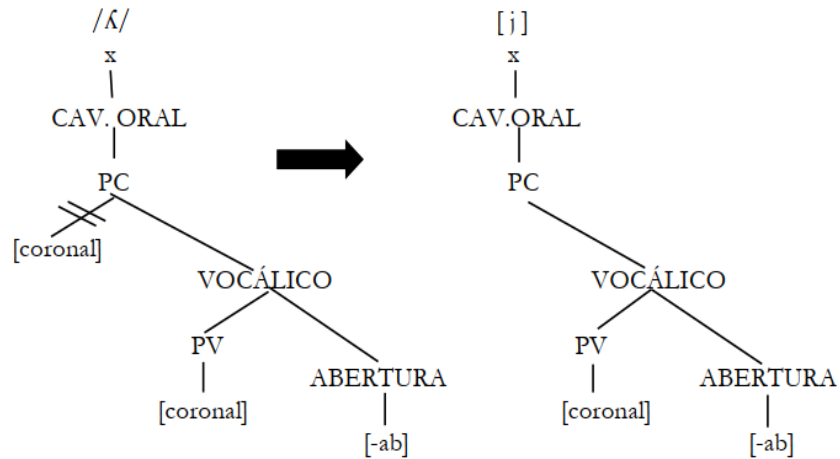
Figura 8- Geometria da soante líquida palatal /ʎ/.

FLP 25(1)

Algumas das estratégias empregadas na grafia da soante líquida palatal (Quadros 5 e 6) seguem a mesma lógica já observada para o segmento nasal, ou seja, registro da contraparte vocálica do segmento [i], da contraparte consonantal [l], fissão de nós [li], ou apagamento do segmento inteiro. Estratégias idênticas às observadas na aquisição da fala. A seguir retoma-se alguns exemplos extraídos da amostra.

- a. <lh> - <i> (aveia para a velha)
- b. <lh> - <le> (mileo para milho)
- c. <lh> - (espantálio para espantalho)
- d. <lh> - <r> (vermeiro para vermelho)
- e. <lh> - ∅ (fio para filho)

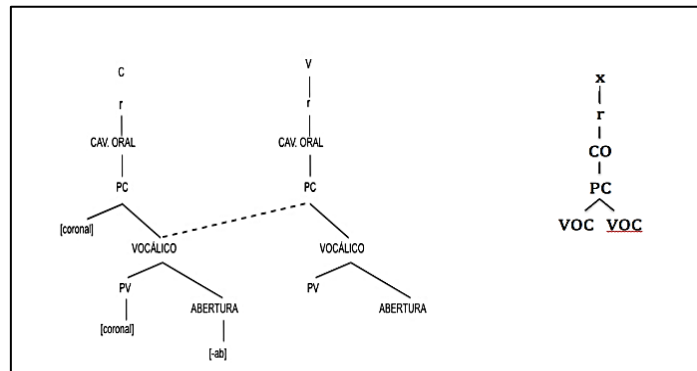
Em *a* (aveia/a velha), observa-se o registro da contraparte vocálica do segmento <i>, processo fonológico conhecido como semivocalização de líquida. Conforme Miranda e Matzenauer (2010), embora essas sejam formas menos prestigiadas socialmente na variação, fonologicamente estão de acordo com a pronúncia, à medida que seguem uma tendência natural dos falantes da língua por formas menos marcadas. Nesse caso, o que ocorre é o desligamento do traço [coronal], como observa-se no exemplo da Figura 9.



Fonte: Elaboração própria.

Figura 9 – Desligamento do traço [coronal].

Nos exemplos em b. e c., as grafias de ‘mileo’ para ‘milho’ e de ‘espantallio’ para ‘espantalho’, revelam o registro da líquida e da vogal coronal, o que corresponde à estratégia de fissão de nós. A diferença percebida entre os dois exemplos é a grafia de <e> em vez de <i>, provavelmente por efeito da ortografia. O esquema representativo da fissão, está expresso na Figura 10, a seguir.



Fonte: Miranda (2014, p. 65).

Figura 10 – Representação da fissão de nós que resulta na grafia de para <lh>.

No processo de fissão de nós há o espraiamento da vogal do segmento complexo para o nó da vogal adjacente (representação à esquerda), operação que tem como resultado uma configuração como a que se vê à direita, a qual fere a Condição de Ramificação⁶.

O exemplo em *d* traz à grafia da rótica <r> em lugar do <lh> (‘vermeiro’ para ‘vermelho’), tipo de processo também observado na aquisição fonológica. O que

⁶ A Condição de Ramificação proíbe que o nó não-terminal ramifique e se associe a nós pertencentes à mesma camada autosssegmental, assim, passa a atuar a Convenção de Fissão de Nós (CFN) segundo a qual nós irmãos ligados a um mesmo nó de camada mais alta devem ser separados, retendo todas as associações prévias (Clements 1989, p. 7-11) No caso da ilustração, à direita, os nós irmãos que estão sob PC sofrem fissuras até produzirem duas raízes e, no caso em foco, dois segmentos.

reforça a proposta que trata a rótica também como um segmento complexo (Matzenauer-Hernandorena, 1996; Miranda, 2014).

Em *e*, onde se observa a omissão da líquida palatal, grafia de ‘fio’ para ‘filho’, tal processo pode ser interpretado como resultado da presença da vogal coronal à esquerda da palatal. Nesse caso, pode-se pensar que a soante manifestou apenas sua porção vocálica *e*, por degeminação, somente uma das vogais se manifesta, como em ‘fi.io’ que passa para ‘fi.o’.

Os processos descritos até aqui coincidem com fenômenos observados na fonologia da língua, presentes na aquisição e na variação relativa às soantes palatais, e podem, portanto, ser explicados à luz da fonologia, sugerindo preponderância de motivação fonológica para erros desse tipo.

O segmento líquido palatal, assim como o nasal, está no sistema ortográfico em relação quase direta⁷, o que cria a expectativa de que os erros seriam preponderantemente motivados pela fonologia em função da alta complexidade segmental. Porém, os resultados encontrados apontam a presença de dados que não podem ser explicados pela fonologia. Observe-se os exemplos a seguir:

- a. <le> - <lh> (petrolho para petróleo)
- b. <l> - <lh> (falhate para falante)
- c. - <lh> (família para família)
- d. <lh> - <h> (trabaho para trabalho)
- e. <lh> - <nh> (panha para palha)

Nas grafias registradas em *a* e *c* o que se percebe é o emprego adequado do dígrafo em função da pronúncia dos falantes, porém a convenção ortográfica indica o uso do <l> nesses casos. Palavras como ‘óleo’, ‘petróleo’ e ‘família’, por exemplo, têm em sua fonologia uma líquida palatal o que pode provocar dúvida na hora da escrita. Já no exemplo em *b*, o dígrafo é utilizado em um contexto em que não deveria se fazer presente. Nos três exemplos, há indicativo de motivação ortográfica para a produção do erro.

Casos como os registrados em *d* (grafia de ‘trabaho’ para ‘trabalho’), onde apenas o H é registrado, são interpretados como de motivação fonográfica devido à omissão de parte do dígrafo. A motivação fonográfica também foi atribuída aos casos em que se registrou troca de um dígrafo por outro, em um momento em que <lh>, <nh> e <ch> entram como informação nova, o que se justifica pela dificuldade no estabelecimento da correspondência entre o fonema e o grafema.

Também chamam a atenção na amostra os casos em que, embora na palavra alvo haja uma sequência de dois dígrafos, o aprendiz opta pela grafia da líquida lateral, como no caso da grafia de filho/filhinho e coelho/coelhinho. Foram 19 ocorrências desse tipo na escola pública e 5 na particular. A hipótese levantada é que se trata de um caso de dissimilação, fenômeno que faz com que elementos adjacentes

⁷ Considera-se “quase” biunívoca a relação observada entre o fonema líquido palatal e o grafema correspondente, uma vez que o número de palavras em que a grafia proposta não é o dígrafo <lh> é exíguo, destacam-se os vocábulos ‘óleo’, ‘petróleo’, ‘auxílio’ e ‘família’.

semelhantes tornem-se diferentes em função de OCP⁸ (Princípio de Contorno Obrigatório).

Assim como nos casos que envolveram a nasal, também na líquida, o maior percentual de erros encontra-se nos dados da escola pública em relação a particular. São 72,8% dos erros na escola pública e 27,2% na particular. Na Tabela 2, a seguir, estão listados os erros, em números absolutos e dados percentuais, relativos à soante líquida palatal na amostra da escola pública e particular, respectivamente.

Tabela 2 - Distribuição der erros (orto)gráficos na grafia da soante palatal /ʎ/ nas turmas de 1ª a 4ª série da escola pública e da particular.

Série	Escola pública		Escola particular	
	Ocorrência	%	Ocorrência	%
1ª Série	7/83	8,4%	5/31	16,1%
2ª Série	35/83	42,2%	11/31	35,5%
3ª Série	24/83	28,9%	15/31	48,4%
4ª Série	17/83	20,5%	0/31	-

Fonte: Silva (2023).

Em relação ao parâmetro série observa-se, a partir dos resultados expressos na Tabela 2, que o menor percentual de erros nos dados da escola pública foi registrado nas turmas de 1ª série, com decréscimo da 2ª série em diante. Em relação aos números da escola particular, o menor percentual de erros encontra-se nas turmas de 4ª série, porém observa-se um aumento gradativo no percentual de erros da 1ª série a 3ª série caindo a 0% na 4ª série.

Com relação ao cômputo geral de erros registrados no Estrato 1, os erros registrados na grafia da soante palatal líquida representam 0,49% (83/16.879) dos erros registrados na escola pública e 0,41% (31/7.545) dos registrados na escola particular.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo realizado mostra, em primeiro lugar, que o número de erros (orto)gráficos relativos às soantes palatais observados nas escritas dos anos iniciais é baixo, tendo-se em vista o conjunto geral de erros encontrados, o que corresponde a um universo de 24 mil dados. Na escola pública, o percentual é de .29% e .49%, para nasal e líquida, respectivamente, e na particular, .34% e .41%. É, no entanto, a qualidade desses erros que interessa aos estudos do GEALE que focalizam precipuamente a emergência do conhecimento fonológico já construído nos primeiros anos da aquisição linguística, o qual serve de base para as escritas alfabéticas iniciais, por meio de sua retomada. A ideia subjacente aos estudos é a de que a aprendizagem da escrita integra o desenvolvimento linguístico, visto que a criança, ao compreender os princípios do sistema alfabético, acessa a segunda articulação da linguagem e poderá assim redescrever os conhecimentos referentes à gramática sonora da sua língua.

⁸ OCP (Obligatory Contour Principle): Princípio do Contorno Obrigatório é um princípio básico da Teoria Autosegmental, em que se proíbe elementos, traços ou nós adjacentes idênticos em uma dada camada, bem como regras que possam violar tal princípio.

Notou-se no estudo que os erros envolvendo a grafia das soantes palatais apresentaram grande semelhança com as formas verificadas no desenvolvimento fonológico e que a fonologia autosegmental é um modelo linguístico adequado para descrever e explicar parte das estratégias utilizadas pelas crianças. Estratégias essas que se materializaram na escrita por meio de grafias em que se observa somente o registro da porção consonantal ou somente da porção vocálica do dígrafo, o registro de dois segmentos pela a fissão de nós ou a omissão do segmento inteiro.

Os resultados mostram que há maior quantidade de erros nos textos produzidos por crianças da escola pública, numa proporção de dois para um, mas, corroborando estudos do GEALE (cf. Miranda, 2020), a diferença numérica não altera a semelhança entre as escolas no que se refere à natureza dos erros encontrados, pois as estratégias utilizadas em ambos os grupos são muito similares. Em ambas as amostras, há predomínio de erros motivados pela fonologia e uma menor parte pela fonografia.

Identificou-se no estudo a ação de mais de um fator para a interpretação do erro, como no caso de grafias que envolvem a troca do e <le> pelo <lh>, em palavras como 'família' e 'petróleo', como consequência do funcionamento do sistema ortográfico; em outros casos, observaram-se efeitos da fonografia nos casos em que se observa o uso do H ou a troca entre os dígrafos <lh> por <nh> ou vice-versa. Casos como esses, em que se identifica mais de uma possível motivação para a produção do erro, são interpretados por Miranda (2020) e Silva (2023) como de natureza híbrida.

Por fim, considera-se que estudos que buscam explicitar os conhecimentos da língua materna, em âmbito fonológico, bem como analisar as complexidades advindas da ortografia e as dificuldades associadas à mecânica da escrita, são de fundamental importância para formação do professor. Entende-se que este tipo de pesquisa pode ser de grande valia para a área da educação, trazendo subsídios para o trabalho pedagógico de professores dos anos iniciais.

FLP 25(1)

REFERÊNCIAS

- Bechara E. Moderna gramática portuguesa. 37.^a ed. rev. ampl. Rio de Janeiro: Lucerna; 2003.
- Calabrese A. Towards a theory of phonological alphabets; 1988.
- Clements GN, Hume EV. The internal organization of speech sounds. In: Goldsmith J, editor. Handbook of phonological theory. Oxford: Blackwell; 1995. p. 245-306.
- Ferreiro E, Teberosky A. Psicogênese da língua escrita. Porto Alegre: ArtMed; 1999[1984].
- Matzenauer-Hernandorena CLB. As soantes palatais no português brasileiro: uma discussão sobre seu status fonológico. In: Estudos de gramática portuguesa. Gärtner E, editor. V. 13. Frankfurt am Main: TFM; 2000.
- Miranda ARM. A fonologia em dados de escrita inicial de crianças brasileiras. *Linguística*. 2014 dez.;30(2):45-80.
- Miranda ARM. Reflexões sobre a fonologia e a aquisição da linguagem oral e escrita. *Veredas*. 2012;16:122-140. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/veredas/article/view/25060>.
- Miranda ARM, Matzenauer CLB. Aquisição da fala e da escrita: relações com a fonologia. *Cadernos de Educação*. 2010 jan-abr.;35:359-405.

Miranda ARM, Pachalski L, Richetti LS. Os dígrafos do português brasileiro na escrita de alunos dos anos iniciais do ensino fundamental. *Forum linguístico*. 2023 jan.-mar.;20(1):8727-8745.

Nunes T, Bryant P. *Leitura e ortografia além dos primeiros passos*. Porto Alegre: Penso; 2014.

Silva RVM. *O português arcaico: fonologia*. 3.^a ed. São Paulo: Contexto; 1996.

Silva SS. Os erros híbridos: um estudo sobre a motivação para as hipersegmentações e os erros na grafia das vogais tônicas e das soantes palatais [dissertação]. Pelotas, Universidade Federal de Pelotas; 2023.

Tavares FC. *As soantes palatais do português na diacronia e na aquisição da linguagem escrita* [dissertação]. Pelotas, Universidade Federal de Pelotas; 2019.

Tavares FC, Miranda ARM. A líquida palatal do português na diacronia e na aquisição da escrita. *Revista do GEL*. 2020;17(1):308-328.

Teixeira SM, Miranda ARM. Descrição e análise dos erros ortográficos referentes à grafia das soantes palatais e discussão sobre seu status fonológico. In: 8^o Encontro CELSUL, 2008, Porto Alegre. *Anais [...]*. V.1. Pelotas: EDUCAT; 2008. p. 1-9.

Teixeira SM, Miranda ARM. O que os estudos de 2008 a 2010 revelam acerca da grafia das soantes palatais? In: XIX Congresso de Iniciação Científica, XII Encontro de Pós-Graduação e I Mostra Científica. Pelotas. *Anais [...]*. Pelotas: Editora Universitária/UFPEL; 2010. p. 1-4.

Wetzels WL. Consoantes palatais como geminadas fonológicas no português brasileiro. *Revista Est. Ling.*, 2000 jul.-dez;9(2):5-15.